

# Pacheco Pereira comentou as caricaturas que provocaram a revolta no mundo islâmico

## Cartoons poderiam ser portugueses

GONÇALO MARTINS

**Pacheco Pereira diz que os cartoons publicados num jornal dinamarquês poderiam muito bem ter sido feitos em Portugal, pois contêm uma mensagem habitual na imprensa ocidental. Rejeita, assim, qualquer censura**

PAULO CARDANTAS

Pacheco Pereira entende que a linguagem das caricaturas publicadas num jornal dinamarquês, que desencadearam uma escalada de violência, sobretudo no Médio Oriente, vem na linha do que se fez na imprensa ocidental. Por isso, entende que desse ponto de vista, não há nenhuma razão para elas não serem publicadas.

Em declarações aos jornalistas momentos antes do início de debate "O desenho das civilizações: dos cartoons às conversas difíceis", promovido pelo Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, o analista político lembrou que as caricaturas publicadas no Jyllands-Posten, que fazem uma associação entre o terrorismo e o Islão, contêm uma mensagem política, que «pode ser



Pacheco Pereira participou num debate organizado pelo Centro de Estudos Sociais

contestada, mas não se pode pôr em causa que ela não se discuta». De resto, argumenta que a linguagem utilizada poderia, nalguns casos, ter sido usada por caricaturistas portugueses.

«A caricatura que repre-

senta Maomé com o turbante-bomba tem um estilo semelhante às que faz o António no Expresso. A que representa o profeta a dizer aos suicidados que já não há virgens que cheguem poderia ser do indivíduo que faz

as caricaturas do Le Monde. São caricaturas completamente dentro do "mainstream" do desenho e do jornalismo ocidental», constatou.

Pacheco Pereira entende, assim, que não faz sentido que se interiorize uma cen-

sura sobre este tipo de caricaturas. «Estamos a correr o risco de pôr em causa valores que são fundamentais à nossa identidade, de liberdade de expressão, de pensamento, interiorizando interditos religiosos que na nossa tradição foram ultrapassados», alertou.

Adel Sidarus, responsável do Instituto de Investigação Científica Tropical, não entendeu o conflito como um choque religioso. «No máximo, seria um choque cultural, mas entende que foi uma provocação política. Egípcio de nacionalidade e católico, Sidarus recorda que a comunidade islâmica da Dinamarca apenas recorreu à solidariedade exterior quando não viu as suas queixas atendidas no país. E adiantou: «O problema não foi a representação do profeta, mas sim a agressividade com que se o representou». E sobre a escalada de violência que se gerou, classificou-a de «um escape às pressões internas» que existiram nalguns países.

No debate organizado pelo CES, moderado por Maria Irene Ramalho, participaram ainda Boaventura Sousa Santos, Isabel Allegro Magalhães e Mostafa Zekri. ●